

# Praia Vermelha



Estudos de Política e Teoria Social

# Praia Vermelha

ISSN 1414-9184  
eISSN 1984-669X

PERIÓDICO CIENTÍFICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

## DOSSIÊ

Expressões contemporâneas  
da questão agrária

**v.31 n.1**

Jan-Jun/2021

A Revista Praia Vermelha é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro cujo objetivo é servir como espaço de diálogo entre centros de pesquisa em serviço social e áreas afins, colocando em debate, sobretudo, os temas relativos às políticas sociais, políticas públicas e serviço social.

Conheça nossas [políticas editoriais](#).



# Praia Vermelha

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REITORA  
Denise Pires de Carvalho

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
Denise Maria Guimarães Freire

## ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

DIRETORA  
Miriam Krenzinger Azambuja

VICE-DIRETORA  
Elaine Martins Moreira

DIRETORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
Fátima da Silva Grave Ortiz

## REVISTA PRAIA VERMELHA

EDITORA-CHEFE  
Andrea Moraes Alves UFRJ

EDITORES ASSOCIADOS  
Cleusa dos Santos UFRJ  
Paula Ferreira Poncioni UFRJ  
Patrícia Silveira de Farias UFRJ

EDITORES AD HOC V.31 N.1  
Maristela Dal Moro UFRJ  
Elaine Martins Moreira UFRJ  
Leile Teixeira UFRJ

EDITOR TÉCNICO  
Fábio Marinho

REVISÃO  
Andréa Garcia Tippi  
Silvina Galizia (espanhol)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Fábio Marinho

CONSELHO EDITORIAL  
Angela Santana do Amaral UFPE  
Antônio Carlos Mazzeo USP  
Arthur Trindade Maranhão Costa UNB  
Christina Vital da Cunha UFF  
Clarice Ehlers Peixoto UERJ  
Elenise Faria Scherer UFAM  
Ivanete Boschetti UFRJ  
Jean François Yves Deluchey UFPA  
Leonilde Servolo de Medeiros UFRRJ  
Marcos César Alvarez USP  
Maria Cristina Soares Paniago UFAL  
Maria Helena Rauta Ramos UFRJ  
Maria das Dores Campos Machado UFRJ  
Maria de Fátima Cabral Gomes UFRJ  
Myriam Moraes Lins de Barros UFRJ  
Ranieri Carli de Oliveira UFF  
Rodrigo Castelo Branco Santos UNIRIO  
Rodrigo Guiringuelli de Azevedo PUCRS  
Salviana de Maria Pastor Santos Sousa UFMA  
Suely Ferreira Deslandes FIOCRUZ



Despejo das famílias do Acampamento Quilombo Campo Grande, em Campo do Meio (MG), agosto de 2020. Foto: MST/MG.

Publicação indexada em:  
[IBICT](#)  
[Base Minerva UFRJ](#)  
[Portal de Revistas da UFRJ](#)

Escola de Serviço Social - UFRJ  
Av. Pasteur, 250/fundos  
CEP 22.290-240  
Rio de Janeiro - RJ

[praiavermelha.ess.ufrj.br](http://praiavermelha.ess.ufrj.br)

[@revistapraiavermelha](https://www.instagram.com/revistapraiavermelha)


(55) (21) 3938-5386


Praia Vermelha: estudos de política e teoria social /Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Vol.1, n.1 (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social. Coordenação de Pós-Graduação, 1997-

Semestral  
ISSN 1414-9184  
eISSN 1984-669X

1.Serviço Social-Periódicos. 2.Teoria Social-Periódicos. 3. Política- Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

CDD 360.5  
CDU 36 (05)

 Para uma melhor experiência de leitura, recomendamos o acesso por computador com visualização em tela cheia (CTRL+L).

 Navegue pelo texto utilizando os ícones na lateral esquerda das páginas ou as setas em seu teclado.

# Sumário

	<b>Apresentação</b>	<b>5</b>	
	<i>Maristela Dal Moro, Elaine Moreira &amp; Leile Teixeira</i>		
<b>ARTIGOS DOSSIÊ</b>	<b>Ecologização do capital agrário: novas fronteiras para a expansão capitalista</b>	<b>14</b>	
	<i>Julio Cesar Pereira Monerat</i>		
	<b>“Questão Social”, Questão Agrária e Dependência em debate</b>	<b>39</b>	
	<i>Cristiane Francelina Dias &amp; Vanderlei Martini</i>		
	<b>Tendências contemporâneas da dinâmica capitalista na “zona da cana” nordestina</b>	<b>65</b>	
	<i>Lucas Bezerra</i>		
	<b>Expropriação da terra na Amazônia: participação do Estado e desigualdade socioeconômica</b>	<b>83</b>	
	<i>Mônica de Melo Medeiros &amp; Joana Valente Santana</i>		
	<b>A (contra) reforma agrária no Rio de Janeiro: a atuação do Judiciário fluminense</b>	<b>109</b>	
	<i>Jessica Soares Borges et alia</i>		
	<b>Políticas públicas de colonización agraria en Uruguay (1923-2020)</b>	<b>134</b>	
	<i>Agustin Juncal Perez</i>		
	<b>Experiências de comercialização de cestas da agricultura familiar no Rio de Janeiro: uma proposta de tipologia</b>	<b>158</b>	
	<i>Layssa Ramos Maia de Almeida et alia</i>		
	<b>Projeto “Cestas Verdes”: uma experiência concreta de Segurança Alimentar e Nutricional</b>	<b>184</b>	
	<i>Raquel Santos Sant’Ana, Gabriel Okubo Awazu Palma &amp; Julia Gusmini</i>		
<b>ENTREVISTA</b>	<b>Eronildes de Souza Fermin</b>	<b>208</b>	 Você está aqui.
	<i>por Maristela Dal Moro, Elaine Martins Moreira &amp; Leile Teixeira</i>		



# Entrevista Eronildes de Souza Fermin

por Maristela Dal Moro, Elaine Martins Moreira & Leile Teixeira

**Praia Vermelha** Primeiro, gostaríamos que você nos contasse um pouco de sua trajetória de vida e que nos falasse um pouco do seu território e o que te levou a ser uma liderança na defesa dos povos indígenas.

**Eronildes de Souza Fermin** Eu me chamo Eronildes de Souza Fermin, na língua portuguesa, mas meu nome na minha cultura Omagua Kambeba, eu me chamo Kwema, que significa pássaro do dia. Sou liderança do povo Omagua Kambeba na região do alto rio Solimões no interior do Amazonas, próximo à tríplice fronteira, sou professora, e me formei na Universidade do Estado do Amazonas, na Pedagogia, tenho pós-graduação em Educação escolar indígena, sou mestranda, pela UFRJ no Museu Nacional no curso de Linguística e Línguas indígenas. A minha trajetória como liderança é muito difícil, porque eu não me calo diante das dificuldades que meu povo vem enfrentando, e nessa região é muito difícil ser uma liderança mulher, é muito difícil, é muito complicado, as lutas não são fáceis, é uma tarefa muito árdua quebrar um preconceito, sofrendo discriminação, racismo, e todo tipo de perseguição, enfrentando as barreiras para defender o povo, que precisa de tal respeito, de inclusão social e todos os direitos que nós merecemos nesta região do Alto Rio Solimões. Eu moro no município de São Paulo de Olivença, no lugar Santa Teresinha que recebeu este nome devido à influência da igreja católica no passado, mas que também este lugar recebe o nome na nossa língua de Akariwazal, que significa lugar dos líderes. Então para nós, é muito difícil viver nesta região, sem ter apoio, sem ter políticas públicas voltadas para a população indígena. O território do Alto do Rio Solimões é um território muito extenso, as aldeias ficam longe uma das outras, são sete dias longe da capital Manaus, o lugar onde eu resido que é o município São Paulo de Olivença, aqui a situação é muito difícil, o tráfico acontece por via fluvial, então é muito difícil chegar onde nós estamos, e por conta disso, as políticas públicas, não chegam até nós, é difícil, nós termos a nossa educação de qualidade, a saúde né, nós não temos a proteção do nosso território; para cá, as coisas quase não acontecem, nós estamos esquecidos neste Alto do Rio Solimões, é uma área muito longe, de difícil acesso.



Eronildes de Souza Fermin é liderança indígena pertencente ao povo étnico Omagua/Kambeba. A entrevista foi realizada em 28 de janeiro de 2021 por aplicativo de mensagem.

Entrevista com  
Eronildes de Souza Fermin

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

Quero dizer que eu sou liderança de tradição, na nossa cultura Omagua Kambeba, o cacicado é recebido de tradição, de mãe para filha, e assim sucessivamente, então eu recebi este cargo da minha mãe, e vou passar para uma das minhas filhas, que mais apresentar também garra, determinação em defesa de um povo. Eu defendo o povo na questão dos direitos, da terra, e a nossa cultura é assim, nosso cargo não é de eleição, nem de indicação, mas de tradição milenar, que vem de grande Aparia, Aparia do Solimões, então a gente recebeu este cargo e vem cumprindo com nosso papel, na nossa cultura temos que defender nosso território, nossa terra que é a nossa mãe, a nossa água que é a nossa fonte de vida, e toda a conjuntura de animais peixes, que vive dentro dela, e principalmente a nossa vida. Eu já nasci com papel de ser liderança e defender o povo, o que me leva todo dia, a renovar as minhas forças e lutar em defesa do povo, é ver que para nós, as dificuldades são tantas e que as autoridades, elas não cumprem o seu papel, em fazer como manda a lei, como tá no papel, então o que me leva a defender este povo, são as dificuldades que a gente enfrenta, e ver que não tem solução, então a busca por uma solução incansável é o que me leva a todos os dias a me renovar como liderança no Alto do Rio Solimões.

**Praia Vermelha** Complementando a questão anterior, pedimos que você fale um pouco do processo de organização e resistência dos povos indígenas e, principalmente das lutas que ocorrem no território onde você vive;

**Eronildes de Souza Fermin** No processo de organização dos povos indígenas do Alto Rio Solimões, cada povo tem a sua organização social que vive as suas particularidades e diferenças conforme a cultura de cada povo. No caso, nós, povos Kambeba, temos a nossa organização social que foi criada pelos nossos primeiros ancestrais do nosso povo Grande Aparia que viveu nessa região do Alto Rio Solimões e a nossa organização dentro da nossa cultura; nós temos nossas próprias leis, nós temos nossos próprios costumes, o modo de viver, um modo de organizar. E isso, vamos dizer, que contraria muito a visão dos não indígenas dessa região porque querem a todo custo introduzir a cultura deles, o pensamento deles, a lei deles dentro da nossa cultura e isso gera conflitos, gera desconforto para nós; por exemplo, na nossa cultura se uma pessoa do nosso povo trai a confiança dos comunitários, dos aldeados, dos líderes,

**Entrevista com**  
**Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

ela não pode mais ser digna de respeito e nem de pegar um emprego, nem de pegar um cargo. Então os políticos dessa região costumam pegar essas pessoas que já foram excluídas do grupo para colocar para nos representar dizendo que eles são coordenadores de educação, secretários de saúde e outras coisas que representam a população indígena, e não consultam o nosso povo. Então isso implica na nossa organização social porque nosso costume, nossa tradição, ela tem uma crença, ela tem uma cultura muito forte que precisa ser respeitada na questão do Povo Omágua. Nós temos uma hierarquia que vai desde o cacicado geral, passa pelos diretores da nossa organização, mexe com a assembleia geral e toda uma conjuntura do nosso povo. Então os não indígenas costumam introduzir no nosso meio pessoas que não nos representam para nos representar e isso dificulta a nossa vida e também prejudica o nosso modo de viver organizado porque nós que sabemos como queremos viver, o que é melhor para nós, como nós queremos, o que nós precisamos, o que nós sofremos de dificuldade, o que seria melhor para ter uma solução para melhorar nossa vida. Então a nossa organização, ela é construída dessa forma, cada povo tem sua particularidade que precisa ser respeitada nas suas diferenças e isso não é respeitado nessa região. Os políticos e os não indígenas que trabalham nos órgãos e nos setores que representam a população indígena, como a [Secretaria Especial de Saúde Indígena] SESAI e outros, costumam ainda colocar aquelas pessoas sem consulta para nos representar e isso dificulta muito a nossa vida, nós ficamos muito prejudicados a ponto de ficar extintos por conta dessas represálias, dessas algemas que são postas em nós.

Todas essas questões colocadas, elas geram lutas, lutas constantes porque enquanto nós deveríamos estar buscando mecanismo para sobrevivermos nessa floresta, um meio de vida que é melhor para nossas famílias, para as nossas crianças, nós estamos ainda buscando, lutando para defender a nossa educação, a nossa saúde, o nosso bem viver, as nossas terras; essas coisas já deveriam ser automaticamente prioridades para nós, só que nós não temos consulta, cada povo precisa ser consultado por que as culturas dos povos indígenas não são iguais, elas são diferentes, então cada povo precisa ser consultado como que ele quer a vida, como que ele quer que os órgãos funcionem para eles na área deles, nos territórios deles, como que nós queremos que as instituições funcionem

**Entrevista com  
Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

para nós, então isso não acontece e por não acontecer essa consulta gera muita luta, muito conflito, muitas ameaças. No caso quando o líder, a líder fala muito em defesa do povo, ela é ameaçada porque é um modo de calar *ela* quando não, eles oferecem propina para calar e tem muitos líderes que são fracos, eu não *estou* generalizando, mas alguns líderes que são eleitos, eles não são de tradição, eles são fáceis de ser manipulados, eles são fáceis de ser comprados para calar a boca, que é melhor calar a boca do que lutar pelo direito do povo e quando aquele líder não se cala, ele é ameaçado de morte, então é muito difícil ser liderança principalmente mulher nessa região do Alto Rio Solimões.

**Praia Vermelha** Gostaríamos que você nos falasse quais são as principais reivindicações dos povos indígenas na região.

**Eronildes de Souza Fermin** As principais pautas das lutas dos povos indígenas nessa região do Alto do Rio Solimões variam muito de município para município. No que diz respeito ao município onde moro, que é São Paulo de Olivença, nessa região do Alto do Rio Solimões nossas lutas são constantes pela preservação do território. Estamos sofrendo muito com a invasão das nossas terras. Nossas lutas também são pela educação porque nossas escolas são tomadas. Quando algum político é eleito e ele não é a favor da população indígena, ele costuma não respeitar as regras e o costume do nosso povo. Ele introduz dentro dessa escola gestores e professores não-indígenas para trabalhar com as crianças indígenas e isso dificulta muito nossa vivência, no que diz respeito ao povo Omágua. A gente sofreu desde 2017 com a retirada dos nossos direitos na educação. Foi feito um processo e foi mandado para o Ministério Público desta região, mas há quatro anos não tem uma solução. Na escola municipal indígena Omágua-kambeba Professor Ivan Balieiro Saraiva, foi tirado o nosso direito de ter os nossos gestores, professores e até mesmo nossas crianças em sala de aula e nenhum órgão dessa região fez nada para nos defender. Até hoje rola no Ministério Público esse processo sem solução. Então, as lutas são constantes pela nossa educação, pela saúde. A saúde indígena não atende o povo Omágua-Kambeba aqui da região do município de São Paulo de Olivença da terra de Santa Teresinha, aqui onde eu moro. Não somos assistidos pela saúde indígena porque o nosso local ficou engolido pelo município. Nos colocaram em um bairro e nos

**Entrevista com**  
**Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
 Elaine Martins Moreira  
 & Leile Teixeira



chamam de “índios urbanizados”, e por conta disso eles dizem que nós não merecemos ser atendidos pela saúde indígena. Quem é responsável por nós é o SUS, mas o SUS não tem mecanismos nessa região para abranger todas as populações e nós acabamos ficando com as pequenas sobras que restam para nós. Nós pedimos que o nosso povo seja atendido pela saúde indígena, e isso gera muito conflito aqui nessa região. Esse ano de 2020, o ano da pandemia, foi o ano que a gente mais brigou na justiça pelo direito ao atendimento à saúde indígena para a população de Santa Teresinha, que é o local onde eu moro. A gente briga, a gente luta, entramos em conflito por invasão de terras. A prefeitura municipal loteou terras dentro do nosso território, da nossa pequena área, e loteou terrenos para não-indígenas. Nós já não temos mais onde plantar, onde fazer nossas casas, as águas dos igarapés foram contaminadas por poluição de lixo. Estamos sofrendo com esses tipos de ataques dentro da nossa terra. A briga nessa região é essa. Eu falo dos problemas que o meu povo enfrenta, que é educação, saúde e invasão de terras.

**Praia Vermelha** Diante da conjuntura política atual, tendo Bolsonaro como presidente do Brasil e uma pandemia instalada, nos fale dos principais desafios que vocês vêm enfrentando. Como a política nacional incide sobre a vida e a luta dos povos indígenas?

**Eronildes de Souza Fermin** Dentro do cenário político que nós nos encontramos no Brasil, isso atinge a nós, populações indígenas, aqui na ponta, porque tudo o que é colocado na mídia, pelo governo atual, pelo presidente do Brasil, desperta o ódio, aqui na ponta, das pessoas não indígenas que não gostam da população indígena. Então, hoje eles se acham no direito de tomar nossas terras, de tirar nossa saúde, de tirar nossa educação, de nos perseguir, de nos ameaçar, de nos matar, então isso nos prejudica muito, porque essa atitude do atual presidente fez com que as pessoas que já tinham aquele ódio guardado dentro de si acordassem para promover coisas ruins contra as populações indígenas, e hoje nós nos sentimos ameaçados.

Eu, como mulher tenho meu direito ameaçado, né, a gente não tem apoio. Tem pessoas sendo espancadas, mulheres sendo maltratadas - a minha filha foi vítima de espancamento, mas não teve lei para ela, a favor dela. A lei foi a favor do agressor. Então, a gente vê que nós estamos com nosso destino, nosso futuro ameaçado, principalmente as mulheres, porque nós não temos as

**Entrevista com  
Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

pessoas que nos defendem, nessa região muito longe; os nossos direitos são retirados a cada momento. E diante desse cenário crítico e cruel, sanguinário, nós estamos enfrentando também a pandemia, que veio pra nos humilhar, nos matar, né, nos prejudicar ainda mais, porque no silêncio da quarentena, como liderança eu vi nossas terras serem ameaçadas, serem retiradas, nossos direitos serem retirados, nossas vidas serem ameaçadas, né, a minha vida ser perseguida por conta de defender e de lutar pelo direito de um povo, e de não me calar diante de uma dificuldade, de uma coisa que a gente vê que não é certa. Então, esse ano de 2020 é um ano sombrio, é o ano da morte, é um ano muito ruim para as populações indígenas. A gente gostaria muito, né, que os movimentos sociais se unissem em defesa das populações indígenas também, porque muitos do nosso povo não sabem ler, não sabem escrever para buscar os seus direitos. Quantos povos não têm um líder que não sabe ler, não sabe escrever para buscar esse direito? O nosso povo, Omágua, os Kambeba, eles ainda são pessoas abençoadas porque eu sei ler, eu sei escrever, eu busco ajuda para o nosso povo, eu busco ajuda para mim também, que estou sofrendo essas ameaça de morte, eu sou vítima de racismo, né, eu sou vítima de tudo o que não presta nessa região. Então, é muito triste, corta a alma, dói na alma ver todos esses acontecimentos ruins e a gente não ter apoio de ninguém. Várias denúncias foram abertas no Ministério Público Federal, até hoje sem solução. Quando que eles vão querer resolver nosso caso? Quando a gente não tiver mais aqui para reclamar? Aí que eles vão querer colocar - dizer que estão fazendo alguma coisa? A gente não precisa depois de morto ser lembrado, a gente quer agora ter o nosso direito. A gente precisa hoje ser respeitado, ter o nosso direito, viver sossegado, viver em paz. Porque nós somos pessoas, seres humanos, a terra é nossa, nós sempre vivemos aqui, nós sempre estivemos aqui, então a gente precisa ser respeitado.

**Praia Vermelha** Por fim, gostaríamos que nos deixasse uma mensagem e apontasse como a universidade através do ensino, da pesquisa e da extensão pode contribuir com as pautas e lutas dos povos indígenas no Brasil

Entrevista com

**Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

Gostaria de deixar uma mensagem. Nós, populações indígenas, costumamos usar entre nós o termo “parente”. É um termo que nós usamos para outro indígena, para nos tratarmos assim.

“Parente guarani”, “parente Omágua”, “parente Kambeba”, e assim sucessivamente. No sentido de que tua dor é a minha dor e eu preciso estar na tua dor, sentir ela e você sentir a minha, para a gente se tornar parente. Não parentes de sangue, mas de dificuldade e em busca de uma solução. *Asemuyta* que é um termo que significa “meu parente, meu irmão de luta, meu irmão de resistência, meu irmão de dor, meu irmão de busca de solução”. É essa a mensagem que eu deixo. Se você quer ser meu parente, então venha e se junte a nós.

Quero dizer aqui que através do ensino nas universidades e no curso de extensão, pode-se contribuir com as lutas dos movimentos sociais indígenas do Brasil, através da pesquisa e do ensino, podem-se tornar nossas causas acessíveis ao ensino dos estudantes no Brasil. Permite-se que sejam feitas pesquisas sobre as nossas diferentes culturas, grafismos, tipos de línguas, tipos de alimentação, luta por educação, nosso tipo de saúde, vários contextos da nossa cultura. E assim se pode divulgar através da sua escrita, dissertações e pesquisas, em pequenos fóruns, assembleias, qualquer tipo de divulgação na mídia sobre as nossas dificuldades que enfrentamos na nossa região. Isso torna visível em nível nacional ou internacional a dificuldade e massacre que a população indígena vem enfrentando e faz com que tenha uma repercussão mundial na mídia, o que pode contribuir para que os problemas sejam amenizados. Porque quanto mais ficamos no anonimato, sem ter ninguém por nós, muitos de nossos povos vão ser mortos, vão desaparecer e ninguém vai saber o que nós estamos passando. Precisamos que essa pesquisa contribua com a nossa vida através da divulgação, da produção das dissertações. Também precisamos que pessoas do nosso povo estejam inseridas nessas universidades para que elas possam escrever sobre as dificuldades que nós passamos em cada região do Brasil como populações indígenas. Escrever sobre o seu próprio povo.

Também gostaríamos que os estudantes e professores que são acessíveis e sensíveis à nossa causa fossem parceiros, que não soltassem a nossa mão. Que levem o conhecimento das universidades, através dos debates, dos fóruns, dos minicursos, das suas dissertações, das suas palestras, sobre as dificuldades que cada região e população indígena sofre. E que também tivessem um olhar especial ao nosso povo Omágua-Kambeba

**Entrevista com  
Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira

que mora aqui no interior do Amazonas, no Alto do Rio Solimões. Porque para nós daqui o avanço ainda não chegou, vivemos no anonimato, nós somos invisíveis aos olhos dos brasileiros. Muitas coisas ruins acontecem conosco e ninguém faz nada por nós, então precisamos ser olhados, vistos como seres humanos. Deixo esse recado, que sejamos parceiros, vamos ser parentes, vamos ser irmãos, ninguém solta a mão de ninguém. Vamos viver por um Brasil melhor para todos. Um muito obrigado pela participação e até a próxima. Não esqueçam de mim como liderança mulher Omágua-Kambeba aqui do Alto do Rio Solimões e não esqueçam do meu povo aqui no município São Paulo de Olivença, na região do Alto do Rio Solimões. Venham ser meus parentes de luta, de resistência, por um Brasil e por uma vida melhor.

**Entrevista com  
Eronildes de Souza Fermin**

por Maristela Dal Moro  
Elaine Martins Moreira  
& Leile Teixeira



Este número da Revista Praia Vermelha foi diagramado em maio de 2021 pelo Setor de Publicações e Coleta de Dados da Escola de Serviço Social da UFRJ, para difusão online via Portal de Revistas da UFRJ. Foi utilizada a fonte Montserrat (Medium 13/17,6pt) em página de 1366x768pt (1:1,77).